

ROSALINA PISCO COSTA

rosalina@uevora.pt

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

A CAMINHO DO NATAL. FAMÍLIAS, MOBILIDADES E GENEALOGIAS (RE)INVENTADAS

RESUMO

Embora não exclusivamente, as férias de verão e a época de Natal constituem os espaços-tempo icónicos da visita a familiares e amigos. Rituais familiares por excelência, estes momentos considerados especiais nos calendários das famílias enformam a construção social desta experiência específica de mobilidades: ao mesmo tempo que distinguem e definem os vários protagonistas envolvidos como anfitriões ou convidados, envolvem-nos numa trama complexa de materialidades, sentidos, emoções, memórias e imaginário. Esta comunicação explora pontes de diálogo e cruzamento entre os estudos da família e do tempo, tendo em vista a compreensão mais aprofundada das experiências por detrás destas mobilidades. No final, espera-se que possamos estimular a reflexão em torno das mobilidades suscitadas por ligações familiares, suas motivações e experiências e, ao mesmo tempo, contribuir para dar mais visibilidade a um fenómeno frequentemente sub-representado na literatura e investigação sociológicas em geral, e portuguesa em particular.

PALAVRAS-CHAVE

Tempo; mobilidade; ritmo; família; Natal

I'm driving home for Christmas
Oh, I can't wait to see those faces
I'm driving home for Christmas, yea
Well I'm moving down that line
And it's been so long
But I will be there
I sing this song
To pass the time away
Driving in my car
Driving home for Christmas
Driving home for Christmas, Single by Chris Rea (1986, 4:33)

INTRODUÇÃO

O Natal move anualmente milhares de pessoas, presentes, milhas e dinheiro¹. Entre anfitriões e convidados, *Driving home for Christmas* coloca em movimento uma trama complexa de materialidades, sentidos, emoções, memórias e imaginário. Proporciona – por vezes impõe – encontros familiares feitos de atmosferas e estéticas específicas: cores, sons, sabores, odores e texturas (Gillis, 1996; Mason & Muir, 2013; Pleck, 2000).

Num estudo maior dedicado aos rituais familiares na contemporaneidade (Costa, 2011), a mobilidade veio a revelar-se como categoria heurística chave nas narrativas de homens e mulheres em torno do Natal². Conceptualizado no quadro das práticas familiares (Morgan, 1996, 2011), foram particularmente úteis os contributos teóricos de base multidisciplinar que permitem analisar o Natal como um ritual familiar (Bossard & Boll, 1950; Fiese, 2006; Imber-Black & Roberts, 1993; Wolin & Bennett, 1984). Quando perspectivado sob a lente da mobilidade, verifica-se que mesmo nos casos em que os indivíduos são anfitriões e recebem em suas casas os convidados para o Natal, um certo sentido de mobilidade é essencial para entender o estado liminal desses encontros no espaço e no tempo.

A investigação que aqui retomamos privilegiou uma abordagem de tipo qualitativo, intensiva e em profundidade (Denzin & Lincoln, 1994), características que permitiram revelar experiências e significados múltiplos associados a práticas e representações pluridimensionais dos rituais familiares na contemporaneidade³. No caso particular, todas as pessoas entre-

¹ Uma versão resumida deste texto, intitulada “Regularidade, alternância e rotatividade. É possível fugir ao Natal?”, foi publicada como Artigo de Opinião na *Plataforma Barómetro Social*, no Natal de 2016 (Costa, 2016). Antes disso, este tema inspirou também uma comunicação oral apresentada ao “IX Congresso Português de Sociologia” com o título “Viagens na Minha Terra. Notas sobre mobilidades, materialidades e sentidos do VFR” (Costa, 2017).

² Este texto adapta e sintetiza resultados de uma tese de doutoramento em Ciências Sociais, Especialidade ‘Sociologia Geral’, intitulada *Pequenos e Grandes Dias. Os Rituais na Construção da Família Contemporânea* (Costa, 2011), realizada pela autora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, com orientação científica de Ana Nunes de Almeida (ICS-UL) e apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/38679/2007).

³ Para a recolha de dados seguiu-se um processo de amostragem teórica (Glaser e Strauss, 1967) por caso múltiplo e homogeneização (Pires, 1997). Diversificada em função da conjugalidade, parentalidade e género, optou-se por homogeneizar os meios sociais de pertença (definidos a partir do capital escolar e profissional dos seus membros) e a origem geográfica dos entrevistados (cidade de média dimensão: Évora/Portugal). Em concreto, e porque se procurava uma aproximação à família “contemporânea”, o enfoque recaiu sobre indivíduos de classe média, selecionados empiricamente a partir do nível de instrução mínimo que contempla a conclusão do ensino secundário, e profissões centradas nos primeiros grupos da Classificação Nacional das Profissões (IEFP, 2001). Através de recrutamento intencional/conveniência e em bola-de-neve, foram selecionados para entrevista 30 homens e mulheres a viver em contextos familiares diversificados e numa fase particular do curso de vida familiar:

vistadas celebram o Natal e celebram-no sempre, todos os anos. É “impensável” não celebrar o Natal, fazê-lo em lugares “comerciais”, “impessoais” ou “longe da família”. Ao invés, o Natal corporiza a ideia de uma família: presente, passada e, em alguns casos, idealizada. O Natal é a ocasião em que “a família se reúne” e se reúne “em festa”. Na descrição dos seus Natais, os entrevistados tendem a reforçar a representação em torno de um “momento de reunião familiar” por excelência, “a festa nobre da família”, um tempo de “convívio” onde “todos, pais, filhos e netos” se juntam em alegria. Além da exaltação do momento, adjetivos como “normal” e “tradicional” ajudam a construir a imagem de um Natal apesar de tudo “banal” porque “igual a todos os outros” e “sem grande diferença dos demais”.

A perspetiva emic colocada sobre um Natal universal contrasta, porém, com a perspetiva etic de particularismo revelada com a análise detalhada das entrevistas⁴. As secções seguintes dão conta justamente dessa diversidade, seja pela compreensão do modo como o Natal ajuda a definir as fronteiras do que é a família, seja por uma leitura diferente, motivada pelas questões em torno do trabalho, género ou pelos sentidos e metáforas da regularidade, alternância e rotatividade para aí mobilizados, seja, por fim, pela reflexão em torno de experiências que, do avesso, dão conta de uma certa (im)possibilidade de fugir ao Natal.

FAMÍLIA E FAMÍLIAS. O NATAL, “SOMOS NÓS”

Questionada sobre o significado do Natal, Maria do Carmo [eo2] responde: “o Natal... somos nós: eu, o meu irmão e a minha mãe”⁵. Assim apresentada, e se mais nenhuma informação complementar houvesse, seríamos tentados a pensar que a realidade contemplada nesta afirmação era a de uma família nuclear. Esta descrição cobre, afinal, várias famílias. Podemos mesmo dizer que dentro dela está contida “toda a família” de Maria do Carmo. O “eu” diz respeito à família nuclear onde, para além dela

a de famílias com filhos pequenos (3-14 anos de idade). Os dados recolhidos através de entrevistas qualitativas de episódio (Flick, 1997) foram gravados em suporte áudio, posteriormente alvo de uma transcrição *verbatim* e depois submetidos a uma análise de conteúdo (Bardin, 1977; Krippendorff, 1980), apoiada por *software* de análise qualitativa (NVivo, ©QSR International).

⁴ Este aspeto parece ser característico dos rituais classificados como “celebrações familiares” (Wolin & Bennett, 1984). A mesma regularidade encontrou Melanie Wallendorf e Eric J. Arnould (1991) a propósito do estudo do Dia de Ação de Graças nos EUA.

⁵ Todos os nomes utilizados daqui em diante são pseudónimos atribuídos pelo próprio/pela investigadora. Os dados cronológicos reportam-se a 2009. Para uma descrição pormenorizada do perfil sociodemográfico dos entrevistados *vd.* Costa, 2011.

própria, se inclui o marido e os dois filhos; “o meu irmão” é uma forma abreviada de referir a família do irmão, composta por ele, a cunhada e os dois filhos; finalmente, “a mãe” diz respeito à mãe já viúva, que a eles se junta na celebração do Natal. Ora, é exatamente porque insiste na questão do Natal enquanto “festa da família”, que escolhemos esta afirmação como porta de entrada à análise que se segue.

Ser “a festa da família” significa, antes de mais, juntar “a família toda”. À medida que tentamos apurar quem compõe “toda” a família que se reúne pelo Natal percebemos que, afinal, é apenas e geralmente “meia-família”. Como veremos adiante, a alternância dos locais de celebração entre “a família de um lado” e “a família do outro lado”, faz com que esta ideia de reunião absoluta seja mais ideal do que real. E, paradoxalmente, esta constatação é tanto mais verdadeira quanto mais numerosa é a família, uma vez que mais difícil se torna a probabilidade de uma “reunião a 100%”, como lembra Afonso [e01]. Membro de uma família “grande”, por vezes sente-se “assustado” com um certo “afastamento” que nota entre pessoas que, apesar de serem da mesma família, só se veem anualmente.

Fica aquela sensação de que começa a haver um afastamento... Isso às vezes assusta-nos. Onde é que vai parar o tio não sei-quantos? E às vezes quando a gente vai falar com ele... No início ainda começa a aproximação e há aquela...mas depois nós começamos a perceber... epah!, há tanta coisa que mudou... Às vezes sentimos o contrário... epah!, o puto cresceu e está completamente... E aí sim... há ali um impasse e parecemos estranhos. Porque vemo-nos de ano a ano, às vezes até de dois em dois anos. E somos muitos e não consigo estar com todos, até porque não se consegue cruzar lá as pessoas todas. Às vezes passam-se quatro anos... Porque um ano é de um lado, outro ano é do outro. E às vezes coincide que no ano em que vamos passar àquele lado não está determinado tio, e no ano a seguir como vou para o outro lado já não o vejo, então só o vejo no outro.

Apesar desta constatação, a contra representação em torno do Natal por parte de quem tem uma família pequena reforça a “vantagem”, a “sorte” e o “privilégio” que é ter uma “família grande”, que se reúne em torno de uma “mesa grande”, “com muita gente” e “muita confusão”. Este discurso é especialmente vincado pelos filhos-únicos. Lurdes [e25], filha única e divorciada, celebra o Natal em sua casa desde que a mãe faleceu. É verdade que reúne o pai e os dois filhos, mas “todos juntos nunca passam de quatro pessoas”. Muitos dos tios com quem se reunia na infância já

faleceram, e os primos, porque têm muitos irmãos, “acabam por se juntar uns com os outros e com as famílias deles”. Com o lamento da própria, a família de Lurdes fica, assim, “muito reduzida”.

Se é um momento em que eu gostava de ter muito mais gente à minha volta? É claro que sim. Gostava. Porque eu gosto de uma mesa com muita gente, quer seja no Natal, quer não seja no Natal [risos]. E porque se calhar os meus tios tinham muitos filhos e eu lembro-me que quando ia a casa deles juntava-se uma mesa de gente, enquanto na minha casa eram sempre só três, e eu sempre gostei e sempre desejei ter uma mesa cheia de gente, de sermos muitos mais.

No caso de Joaquim [e30], o divórcio trouxe-lhe de volta a condição de um “Natal sem família”, já que como filho único voltou a passar o Natal apenas com o pai e a mãe. Confessa que não lhe custou, pois “estava habituado a isso”, passava o Natal “só com os pais, e sabia o que era. Não era bom, não!”. Já no que respeita aos filhos, opta por permitir que passem sempre a meia-noite em casa da mãe, já que aí encontram o Natal “em família” que ele “não lhes pode oferecer”:

Agora, quando não estão comigo... que eu fico com os meus pais, normalmente faço questão de jantar com os meus pais... vejo que é um Natal pobre... a nível familiar. Porque não tenho mais ninguém... No Natal, quando os meus filhos vão embora, que vão para casa da mãe e que eu fico sozinho com os meus pais noto um vazio [ênfase] enormíssimo!.

De tal forma é vincada a ideia do Natal enquanto “festa da família” que as famílias esforçam-se por convidar e agregar os que “não têm para onde ir”, familiares afastados ou não familiares com os quais constroem um “parentesco fictício para esse dia” (Wallendorf & Arnould, 1991, p. 22). Ao Natal de Maria do Carmo [e02] junta-se sempre uma amiga viúva; ao de Marta [e04, a mãe, divorciada, da mulher de um primo; ao de Marina [e14] uma prima filha única; e ao de Filipa [e18] “vem também uma amiga ou outra, que está sozinha e vem ter a casa connosco”.

As famílias esforçam-se, assim, por garantir os valores da inclusão e generosidade, ao mesmo tempo que resolvem a “questão delicada” das pessoas cuja família não lhes pode garantir “a noite de Natal” imposta culturalmente. São, por isso, raras as famílias “sem Natal”. A única experiência que nos chegou a este propósito foi relatada por Ricardo [e09]. Filho de

mãe solteira emigrada na Suíça, viveu a infância com uma tia solteira. Ainda se recorda da presença da avó materna, que viria a falecer relativamente cedo. A mãe vinha a Portugal “algumas vezes, não muitas”. Sem pai e mãe próximos e sem avós ou primos, a maior parte dos Natais de Ricardo foram passados apenas com essa tia materna que o criou até à idade adulta. Sem um Natal a que chamassem seu, ocupavam a noite de 24 de Dezembro “a ver o Natal dos outros”.

Eu tinha um... não sei como é que lhe hei-de chamar... gostava de na noite de Natal ir para a rua. Nós sempre tivemos carro, e então era andar às voltas para vermos o movimento. As últimas pessoas às compras, à pressa antes do jantar. Antes da ceia de Natal. Ali o período entre as oito e as dez da noite. Ver o reboliço final de... gostava de ver isso! A minha tia conduzia e... ou parávamos o carro, e via-se as pessoas a entrar nos sítios, a correr...

TRABALHO E GÉNERO: ANTECIPAÇÃO, IDEALIZAÇÃO E STRESS

Mas em que consiste propriamente o Natal? Desde logo, o Natal é “o caminhar para o Natal”. Como diz Rui [e29], “o Natal começa na preparação da noite, na antecipação, de o que é que se faz para o jantar, do ter lá toda a gente...”. A antecipação deste momento como “especial” é característica distintiva deste ritual familiar (Kaufmann, 2005), auxiliada pela idealização em torno de um “clima natalício” que a pouco e pouco se instala nos locais e nas pessoas, seja pela decoração das casas e das ruas, a música que atravessa os espaços, a troca de felicitações de boas festas, a agitação das compras e o movimento dos espaços comerciais. Mediada pelos meios de comunicação social, a construção social do Natal surge, assim, como uma inevitabilidade à qual parece impossível fugir (Pleck, 2000).

Seríamos tentados a dizer que a experiência que antecede o Natal é mais marcada pela pressão e escassez do tempo que propriamente pela fruição. Mas este facto é, desde logo, influenciado pela condição perante o trabalho dos entrevistados. Maria do Carmo [eo2], administrativa, refere como “naquele dia antes e no próprio dia é uma correria, não é? Até porque o meu marido trabalha e a minha cunhada também. E depois às vezes... saem às sete horas, não é?”. Nos antípodas, António [e27] descreve todo o cenário idílico da “caminhada para o Natal”. Bancário, tem beneficiado até hoje da possibilidade de se juntar na antevéspera do Natal aos pais e sogros que vivem na aldeia.

Normalmente aquilo que faço é tirar sempre dois dias antes do Natal, e gosto de ir aí a 22, 23. Porquê? Porque temos lá duas obrigações, já se tornaram obrigações e que me deliciam muito. Aquele estabelecimento comercial do meu pai vem do tempo do meu avô e é o mais antigo na aldeia, e então durante muitos, muitos anos, o Natal e o décor das montras lá era muito feito à base dos chocolates mas que depois, e bem, começou a cair em desuso por causa do calor e tudo o mais, e com presépios. Toda a gente fazia um presépio... então nós temos um presépio muito grande, de peças muito antigas e muito bonito. E o meu pai também tem muito gosto em fazer e muita habilidade em termos de construção do presépio. E quando os miúdos começaram a dar algum valor a ver e não mexer, ou mesmo mexer mas com cuidado para não partir, começámos a fazer um ritual que eu gosto muito que é dia 23, levo-os, vou com eles, vou para o campo e vou apanhar musgo. [...] Depois voltamos, vamos buscar areia e depois passamos uma noite todos entretidos a desembulhar uma peça, a desembulhar outra peça... depois o rei mago vai para ali, as ovelhinhas, a capela, o pastor, o menino e tal, não sei quantos, eletrificar a capela... ou seja, passamos uma tarde e uma noite maravilhosas, eu, o meu pai e os miúdos, a construir o presépio, agora já não na montra, em nossa casa agora.

A imagem positiva e idealizada da antecipação é de tal ordem que a sensação de “correria para o Natal”, quando admitida, é quase sempre desvalorizada. Justificações como “vale a pena”, “tem que ser” ou “faz parte” servem, assim, para menosprezar “o stress”, “a tensão” e “o lado negativo” associado a momentos que são culturalmente construídos como positivos (Gillis, 1996). O Natal “é trabalho”, “implica trabalho” e “excesso de trabalho”, como denota o indicativo dos verbos escolhidos para o descrever. Antes é o “pensar”, “organizar”, “preparar”, “desarrumar”, “cozinhar”, e no final o “lavar”, “guardar” e “arrumar”.

A tomada de consciência sobre o trabalho doméstico envolvido nesta ocasião é tanto maior quanto os entrevistados são os anfitriões da festa. Nos casos em que são convidados, isto é, quando se deslocam para casa de pais, sogros ou outros familiares, os discursos em torno do trabalho envolvido tendem a ser minorizados, ou mesmo ignorados. Também o trabalho envolvido na preparação da noite de Natal surge desvalorizado ante a afirmação da importância da “reunião”, da “partilha”, “do convívio” e “união” entre as pessoas, enfatizando-se, simultaneamente, as características do Natal enquanto espaço e tempo “especial”.

Há neste aspeto uma visão porventura demasiado normativa que permeia o discurso dos entrevistados, de acordo com a qual se tende a desvalorizar o trabalho – acrescido – que a preparação da receção de pessoas em casa sempre envolve. Exemplo disso é o recurso frequente a justificativas como “isso não custa nada, trabalhar para a noite de Natal”, “todos participamos”, “todos ajudamos”, “toda a gente faz”, “toda a gente trabalha”, “todos colaboram”, “partilhamos”, “uns fazem umas coisas e outros outra”, “uns trazem umas coisas, outros trazem outras”, ou, como remata Rui [e29], “é a festa de Natal, toda a gente gosta de levar qualquer coisa, toda a gente leva qualquer coisa”.

Uma análise mais cuidada dos modos de participação deixa, no entanto, perceber como também na antecipação, organização e pós-Natal persistem as divisões de género (Coltrane, 1998). Às mulheres mais frequentemente cabem as tarefas de decorar a casa, decidir sobre os pratos a cozinhar; enquanto os homens encarregam-se das tarefas mais instrumentais como as compras, a escolha do vinho, o pôr a mesa ou as desarrumações no espaço doméstico que há a fazer para acolher a festa. A assunção da divisão e repartição desigual do trabalho envolvido entre homens e mulheres é um tema recorrente e um traço transversal no conjunto dos discursos dos entrevistados, tanto dos homens quanto das mulheres. No conjunto, a repartição desigual das tarefas faz com que os homens possam beneficiar de uma experiência mais centrada sobre a fruição do tempo, enquanto as mulheres, nos bastidores, parecem deixar a descrição da experiência do Natal mais associada à escassez de tempo. O exemplo de Rui [e29] é, a esse propósito, paradigmático. Conta, na preparação do Natal, com a ajuda de três mulheres: a esposa, a mãe e a sogra. Tem uma tradição que é, diz, ter “sempre filmes”. E explica:

na minha família temos uma tradição que é ter sempre filmes no Natal. Ao final de contas, enquanto outras pessoas vão à Missa do Galo, nós alugamos filmes no Natal, tudo normal [tom mais baixo]. Sei lá, o mais suave possível, afinal é Natal! Que dê para rir, se calhar é o melhor. Nessas alturas, por tendência escolhemos isso. Depois do jantar ou quando calha, vimos... conseguimos convencer todos a chegar logo à tarde ou a estarem lá durante a tarde e estamos a ver um filme e estamos a comer qualquer coisa, ou a conversar...

Mas Rui esclarece, depois, que nem sempre isso se consegue fazer e descreve o que aconteceu no ano anterior quando a sogra chegou mais

tarde porque “ainda não tinha tudo pronto”. Lembremos, entre parêntesis, que a sogra, a mãe e a esposa compõem o trio de mulheres em quem repousa, neste caso, a preparação da ceia de Natal propriamente dita. Liberto de tal responsabilidade e “enquanto esperava”, Rui foi buscar o cunhado (igualmente liberto de trabalho), e juntos assistiram ao filme inicialmente antecipado “para todos”.

ANFITRIÕES E CONVIDADOS. REGULARIDADE, ALTERNÂNCIA E ROTATIVIDADE

No Natal, ora se é anfitrião e recebem-se em casa pais, irmãos, cunhados, sobrinhos e eventualmente outros familiares ou amigos, ora se é convidado, e circula-se entre a casa de pais, sogros ou tios (no caso de os pais ou sogros eles próprios alternarem o local de realização). Apesar de toda a antecipação em torno do Natal, não existe, para a sua realização, uma formalização tão grande como acontece, por exemplo, com o casamento. É admitido, ad-hoc, que o Natal é para celebrar e que se celebra em determinado local. Seja porque é “sempre” aí, seja porque é rotativo e será “noutro local”. Num e noutro caso, “não há propriamente um convite” e “já toda a gente sabe onde é”.

Embora jovens e com filhos pequenos, muitos dos entrevistados assumem a condição de anfitrião e recebem em sua casa os familiares para a ceia de Natal. Nos casos em que isto sucede, os motivos são quase sempre os mesmos. Por um lado, o facto de a casa dos próprios ser “maior”, “mais espaçosa” ou “mais confortável” que a dos pais ou sogros onde, em alternativa, iriam. Noutros casos, é uma forma de “forçar” a desejada reunião familiar entre “as duas famílias”, utilizando o denominador comum que representa a casa dos entrevistados. Finalmente, o ser anfitrião é uma estratégia seguida por alguns casais, seja porque é mais “prático” tendo em conta a presença das crianças; seja porque é a forma de não sobrecarregar ou deixar sozinhos os pais ou sogros doentes ou viúvos. A existência de um bebé e os incómodos eventualmente gerados pelo sair de casa, a que se junta a vontade de pais e avós estarem com os netos, fazem com que se puxe para a casa dos recém-pais a celebração do Natal.

Muitas vezes, também, os entrevistados “saem para o Natal”. Atendendo à idade jovem e ao facto de a maior parte deles terem ainda pelo menos um dos pais ou sogros vivos, acontece que muitos sejam “convidados”, ora por um, ora pelo outro lado da família. A ideia da alternância do Natal, por anos, por dias ou por refeições é, aliás, recorrente aquando da

descrição do Natal: “um ano é num lado, outro ano é no outro”, “um ano em casa dos sogros, outro ano em casa dos pais... vai rodando”, “um ano com a minha família, outro ano com a família da minha mulher”; “a véspera de Natal num lado e depois o dia de Natal no outro”, “se passamos a noite com uns, passamos o dia com o outro”, “a véspera de Natal normalmente em casa dos meus sogros, e o dia de Natal em casa dos meus pais”; “almoçamos num lado, jantamos no outro”, “um ano é a noite com os pais, a ceia com uma família, e o almoço de Natal com a outra, e depois trocamos”.

Ao Natal subjazem, então, os princípios da alternância e rotatividade. A alternância entre os locais de celebração do Natal é a característica que mais rapidamente ajuda a desconstruir a imagem aparentemente estável e idealizada em torno da ceia familiar (Caplow, 1982). Esta alternância pode, inclusivamente, deixar nos indivíduos uma sensação de “cansaço” e de “incompletude” de uma certa concretização do ideal em torno da reunião familiar. Raquel [e19], que costuma reunir em sua própria casa as famílias dela e do marido, não o fez no ano anterior ao momento em que a entrevistámos. Uma experiência “terrível” diz, porque andaram

sempre de um lado para o outro. Foi repartido, então andámos uma parte num lado, outra parte no outro. Acabou por ser muito... acabou por não ter muita graça! Foi cansativo e acabou por não estarmos todos juntos porque ficámos com aquela sensação de que realmente nunca estivemos todos juntos. Porque almoçámos na casa de um, almoçámos na casa de outros...

A justificação para celebrar o Natal em alternância vem, em primeiro lugar, pela via da “justiça” e “igualdade” entre os dois lados da família. É para “agradar a todos”, nomeadamente à expectativa que pais e sogros têm de juntar as respetivas famílias, e evitar que uns ou outros fiquem “chateados” ou “melindrados”, caso a opção recaísse sempre no mesmo lado. O alternar entre “o cá e o lá” é também uma forma de aliviar a carga de trabalho envolvido. O “não ser sempre em casa da mesma pessoa”, faz com que se “dividam as coisas”, de tal forma que ninguém fique prejudicado. As exceções, isto é, o passar “sempre” o Natal em casa de um dos lados, é devidamente justificado, acabando por ser “inevitável” que assim aconteça. Pode ser, por exemplo, porque a família de um dos lados “não liga muito ao Natal”, ou porque “não tem o hábito de comemorar”, ou ainda porque é “demasiado pequena”. Nestes casos, por exemplo entre famílias de filhos únicos, é frequente os pais agregarem-se ao Natal “do outro lado” para

que não fiquem sozinhos. É o que acontece com António [e27]. Filho único casado com uma também filha única, passam sempre o Natal todos juntos:

Ou em casa dos meus sogros ou em casa dos meus pais. Normalmente trocamos. No Natal ficamos em casa de uns, com a presença dos meus sogros, eles também vão, e depois na passagem do Ano vamos para a casa dos outros. Como somos todos poucos... porque o meu pai é filho único, a minha mãe é filha única e eu sou filho único, a minha mulher é filha única, a minha sogra é filha única [risos].

A mesma ideia de um Natal alternado passa para as crianças filhas de pais divorciados. As opções são muito diversificadas, envolvendo ora a alternância “entre o Natal e o Ano Novo”, ora o próprio Natal com alternância “entre o dia e a noite”, “o antes do jantar e o depois do jantar” ou “a véspera e o dia de Natal”. Transversal é justamente a preocupação de que pais e mães possam usufruir, de modo equitativo, da presença dos filhos neste momento do ano considerado especial. Em alguns casos, a regra da alternância no Natal entre pais divorciados surge subordinada ao princípio do “melhor Natal” possível para as crianças. Ou seja, os pais parecem dispostos a abdicar da presença dos filhos, caso reconhecem que “lá”, com o ex-cônjuge, os filhos podem experienciar um Natal “melhor”, “mais confortável”, “mais verdadeiro”, “mais em família”.

Francisco [e24] é um desses exemplos. Na altura em que se separou foi viver para uma casa arrendada, segundo ele próprio “sem muitas condições” e cheia de “coisas velhas, em segunda mão”. Os pais, já octogenários e com problemas de saúde, vivem na aldeia e a irmã raramente se junta a eles, pois desloca-se, em geral, para a casa dos sogros. Perante estas circunstâncias, Francisco “sabe” que os filhos têm um Natal “melhor” e mais “confortável” se o passarem “com a mãe” e “em casa da mãe”. Por outro lado, a ex-mulher é filha única e tem também uma família muito pequena, “resume-se a ela, os dois filhos e o meu sogro. Porque ela é filha única e a mãe dela morreu tinha o Alexandre nove meses”. Francisco sabe como seria difícil para a ex-mulher ver-se privada da presença dos filhos na altura do Natal. Isto porque, contrariamente a ele, que diz não dar “muita importância”, “a Leonor, minha ex-mulher, é uma pessoa que vive de forma muito assoberbada e entusiasmada o Natal [...]:

e se eu lhe tirasse os filhos no Natal... era uma coisa... brutal. Para ela. Para eles talvez não porque iam estar com os avós e não sei quê, mas para ela estou a imaginar... ela

que neste momento já não tem mãe, é só ela e o pai, seria uma coisa... que eu não era capaz de fazer à mãe dos meus filhos!.

Como consequência, não prescinde de estar com os filhos nesse dia, embora o faça apenas momentaneamente.

Então eu vou lá, digo boa noite ao senhor [sogro], o normal não é? Dou-lhe as prendas, abrimos as prendas, sou capaz de comer um bocadinho de bolo, uma coisa qualquer... depois regresso para a minha casa onde normalmente estou.

Por vezes, e para que os avós paternos possam ver os netos, Francisco vai buscá-los e leva-os a casa dos avós durante o dia, “estão um bocadinho, dão um beijinho ao avô e à avó e depois vou levá-los”. Joaquim [e30] também abdica da presença dos filhos no Natal por entender que, comparativamente à família da mãe, a sua é “demasiado pequena” e que “estão melhor lá”, sobretudo pela oportunidade de se juntarem com tios e primos, situação que ele, enquanto filho único, não lhes pode proporcionar.

NATAIS DE REVÉS. É POSSÍVEL FUGIR AO NATAL?

A representação social em torno de um Natal com crianças impõe-se de tal forma aos indivíduos que a sua inexistência (por exemplo numa fase em que o casal não tem filhos), ou a privação temporária da presença destas (em situação de separação ou divórcio), faz com que esse dia seja experienciado de forma “diferente”. Esta situação é particularmente visível no modo como é vivido “o primeiro Natal” em situação de pós-separação ou divórcio, quer estejamos do lado de quem fica com as crianças, ou de quem fica privado da sua presença.

Para os pais que ficam com a guarda das crianças, o primeiro Natal após a separação ou o divórcio é quase sempre vivido com a preocupação e envolvimento em proporcionar aos filhos “um bom Natal”. Mas e do outro lado? Do lado de quem se vê privado da presença das crianças? Como é, nesses casos, experienciado o Natal “sem família”? No momento em que entrevistámos Dora [e07], divorciada, tinha passado pela primeira vez uma véspera de Natal sozinha. Os pais foram para Setúbal, a fim de se reunirem em casa da avó nonagenária, e Dora não quis ir, “por opção”. Ficou sozinha em casa, a que se viria a juntar o irmão, mas somente depois das 24 horas, já que trabalha em hotelaria e “fazia a noite”. A filha ficou com o ex-marido e juntar-se-ia à mãe apenas no dia seguinte. Usualmente “fica [a

filha] sempre na minha casa na véspera de Natal até à hora do jantar, depois vai para casa do pai jantar e abre lá as prendas, e depois no outro dia da manhã vem ter comigo”. Dora passou, pela primeira vez na vida, aos 33 anos, um Natal “praticamente sozinha” e “não foi a mesma coisa, claro...”.

Enquanto o irmão está “habitado” por força da profissão que desempenha, Dora não estava preparada e foi-lhe “muito difícil”. “Passar longe dos meus pais, ainda me senti um pouco perdida, quer dizer... perdi casa, perdi marido, perdi tudo e não sei quê... e agora mais o Natal!... [comoção]”. Sentia “uma grande melancolia”, e custou-lhe não apenas o estar longe da filha e dos pais, mas inclusivamente do enteado de 12 anos, de cujo pai se havia divorciado há apenas um ano.

Custou-me muito também não estar perto do meu outro filho entre aspas e acho que foi o momento pior da noite... telefonei, telefonei claro! Custou muito... Depois comecei a chorar porque ele também estava quase a chorar do outro lado e tentei fazer-me forte, não é? Mas assim que desliguei o telefone, chorei, chorei, chorei, chorei, chorei... [pausa], e foi o Natal em que eu mais chorei. Nunca tinha acontecido. Foi difícil. Foi muito difícil!

A situação foi tanto mais difícil quanto Dora optou por “esconder esses sentimentos”, inclusive da mãe que “não queria ir [para Setúbal] para eu não passar o Natal sozinha. Sabia que tinha sido a separação há pouco tempo, sabia que este ano a minha filha também não estava comigo nas vésperas e não me queria deixar sozinha”. Por momentos, Dora tentou libertar-se, sem sucesso, das referências do Natal à sua volta. “Houve um momento em que eu desliguei tudo e apaguei tudo. Queria tentar imaginar que simplesmente era um dia como outro qualquer, apesar de não ser isso para mim o significado mas... é impossível fugir ao Natal, é impossível! Foi muito difícil!”.

Viver um Natal “sem família” ou “longe da família” parece constituir sempre uma imposição, mesmo quando aparentemente surge como opção. Eduardo [eos] “fugiu do Natal” precisamente no ano anterior ao momento da nossa entrevista. A mulher, filha única, tinha passado há pouco tempo pela morte da mãe de quem era muito próxima física e afetivamente. No Natal que se seguiu optaram por sair do país em viagem.

Não se suportava passar o Natal cá [Évora]. Porque o Natal sempre foi a festa em que juntávamos a família toda... Um ano na minha casa, outro ano na casa dos meus pais, outro na casa dos meus sogros, outro na casa de uns tios da

minha mulher... e quando digo na casa, juntava-se a família toda [ênfase]. E iam todos, os meus pais, os pais dela, as tias delas, os sogros dos primos... digamos... juntávamo-nos ali...chegávamos a juntar na minha casa dezenas e dezenas de pessoas. Eram famílias... juntavam-se várias famílias naquela festa. Embora nós nos conhecêssemos todos... Depois, no Natal eu sempre me vesti, este ano já não me vesti, mas vestia-me sempre de Pai Natal. Depois era aquela festa... para as crianças... de aparecer o Pai Natal. Depois havia cantares, músicas, sempre com muita alegria. Essencialmente com muita alegria.

A morte da sogra, depois de um processo “doloroso e prolongado”, veio alterar este cenário natalício.

Digamos... não se suportava, não da minha parte, mas da parte da filha, da minha mulher... então a opção foi... não ficamos cá no Natal, vamos embora, vamos sair, vamos passear! E fugimos... [...] fomos para Londres. Fomos cinco dias para Londres”. Eduardo fez do Natal turismo, escolheu para noite de Natal um local “onde não existe Natal” e viveu o dia seguinte como “um dia normal”. “Nós íamos visitar Londres e não o Natal de Londres! A nossa ceia de Natal foi no McDonald’s a comer um hambúrguer... [risos] e passou despercebido o Natal. O facto de estarmos numa cidade distante, uma cidade turística, nós tínhamos ido fazer turismo, ah... foi um dia normal. Não associámos... nem os meus filhos, não associámos ao Natal”. Porém, no dia seguinte “mesmo no dia de Natal, dia 25... tudo ###⁶ fechado [risos] e aí estranhámos.

O confronto com o *closed* foi a mensagem de que a família precisava para perceber que, afinal, e sobretudo com crianças em presença, “é impossível fugir ao Natal!”.

NOTAS FINAIS

A partir de um conjunto de narrativas contextualizadas extraídas de um estudo maior sobre o lugar dos rituais familiares na construção da família contemporânea, e sob a lente da mobilidade, procurou-se neste texto dar conta da multiplicidade de experiências e significados em torno do Natal. Da análise dos dados resulta a constatação de que o Natal é antecipado

⁶ Segmento impercetível aquando da transcrição da entrevista a partir do registo áudio.

e idealizado enquanto ocasião familiar por excelência. Apesar de a celebração do Natal alimentar a imagem em torno de uma família estável, numerosa e feliz, a (longa) caminhada para o Natal é, afinal, vivida entre a antecipação, a idealização e o stress. Anfitriões e convidados reúnem-se na base da regularidade mas também da alternância e da rotatividade, o que contribui, desde logo, para minar o argumento em torno da imagem da família estável e intacta que se reencontra ano após ano. Nos seus múltiplos contextos, o Natal implica trabalho, tensões e por vezes também conflitos. Uma certa “sacralização” do Natal enquanto festa familiar inibe os entrevistados de aprofundar o que consideram ser aspetos de “menor importância”, “irrelevantes” ou até mesmo “naturais”. Este facto é visível pelas estratégias de evitamento e desvalorização do que pode constituir o lado menos cor-de-rosa do Natal. Uma ideia de que é impossível fugir-lhe ganha ainda peso pelo argumento de que a injunção para a celebração existe tanto da parte dos próprios entrevistados quanto das famílias a que pertencem.

Como tão bem perpassa nas palavras de Chris Rea que servem de epígrafe, o Natal é mobilidade, implica mobilidades. Para além das mobilidades físicas, teremos necessariamente de trazer para a leitura deste ritual familiar mobilidades sensoriais e imagéticas, as quais contribuem para a construção da “família” e da “casa” num tempo e espaço definidos, mas também num tempo e espaço a que se regressa, que se procura, antecipa e idealiza ou de onde se tenta fugir. O conjunto de genealogias (re) inventadas por ocasião do Natal é facto social total que importa (continuar a) estudar no quadro dos estudos de mobilidade, como também importa estudar e aprofundar as muitas e profícuas relações que tais mobilidades estabelecem com outros temas e domínios, seja a tecnologia e comunicação a distância, o consumo ou o turismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bardin, L. (1977). *L'analyse de contenu*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Bossard, J. H. S. & Eleanor, S. B. (1950). *Ritual in family living – a contemporary study*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press.
- Caplow, T. (1982). Christmas gifts and kin networks. *American Sociological Review*, 47(3), 383-392.
- Coltrane, S. (1998). *Gender and families*. Londres: Pine Forge Press.

- Costa, R.P. (2011). *Pequenos e Grandes Dias: Os Rituais na Construção da Família Contemporânea*. Tese de Doutoramento em Ciências Sociais – Sociologia Geral. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Retirado de <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/4770>
- Costa, R.P. (2016). Regularidade, alternância e rotatividade. É possível fugir ao Natal? *Plataforma Barómetro Social*, 4ª Série. Retirado de <http://www.barometro.com.pt/2017/01/22/regularidade-alternancia-e-rotatividade-e-possivel-fugir-ao-natal/>
- Costa, R. P. (2017). “Viagens na Minha Terra. Notas sobre mobilidades, materialidades e sentidos do VFR”. In *Atas do IX Congresso Português de Sociologia: “Portugal, território de territórios”*. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia. Retirado de http://historico.aps.pt/ix_congresso/actas/actas1
- Fiese, B. H. (2006). *Family routines and rituals*. New Haven e Londres: Yale University Press.
- Flick, U. (1997). The episodic interview. small scale narratives as approach to relevant experiences. *Series Paper*. Retirado de www2.lse.ac.uk
- Gillis, J. R. (1996). *A world of their own making. Myth, ritual, and the quest for family values*. Cambridge: Harvard University Press.
- Glaser, B. G. & Strauss, A. L. (1967). *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. Chicago: Aldine.
- IEFP. (2001). Classificação Nacional de Profissões – versão 1994. Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional.
- Imber-Black, E. & Roberts, J. (1993). *Rituals for our times: celebrating, healing, and changing our lives and our relationships*. Nova Iorque: Harper Perennial.
- Kaufmann, J.-C. (2005). *Casseroles, amour et crises. Ce que cuisiner veut dire*. Paris: Éd. Armand Colin.
- Krippendorff, K. (1980). *Content analysis: an introduction to its methodology*. Beverly Hill, CA: Sage Publications.
- Mason, J. & Muir, S. (2013). Conjuring up traditions: atmospheres, eras and family Christmases. *The Sociological Review*, 61(3), 607-629. doi: 10.1111/j.1467-954X.2012.02138.x
- Morgan, D. H. J. (1996). *Family Connections – an introduction to family studies*. Cambridge: Polity Press.
- Morgan, D. H. J. (2011). *Rethinking family practices*. Hampshire: Palgrave Macmillan.

- Pires, A. (1997). Échantillonnage et recherche qualitative: Essai théorique et méthodologique. In J. Dans Poupart, J.P. Deslauriers, L.H. Groulx, A. Laperriere, R. Mayer & A. Pires (Eds), *Enjeux Épistémologiques et Méthodologiques* (pp. 113-167). Montreal: Gaëtan Morin.
- Pleck, E. H. (2000). *Celebrating the family. ethnicity, consumer culture, and family rituals*. Cambridge: Harvard University Press.
- Wallendorf, M. & Arnould, E. J. (1991). 'We gather together': consumption rituals of thanksgiving day. *Journal of Consumer Research*, 18(1), pp. 13-31.
- Wolin, S. & Bennett, L. A. (1984). Family rituals. *Family Process*, 23(3), 401-420.

Citação:

Costa, R. P. (2018). A caminho do Natal. Famílias, mobilidades e genealogias (re)inventadas. In E. Araújo, R. Ribeiro, P. Andrade & R. Costa (Eds.), *Viver em/a mobilidade: rumo a novas culturas de tempo, espaço e distância. Livro de atas* (pp. 68-84). Braga: CECS.